

O transporte escolar de crianças do município de São Paulo no percurso da Educomunicação: espaço de mediação e participação social por meio do WhatsApp¹

Giulia BEATRICE PIMENTEL²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Certas mediações no processo de desenvolvimento da criança são invisíveis, e é aqui que reside o presente estudo: construir entendimento, de base educomunicativa, do transporte escolar como mediador, da perspectiva de que uma criança é responsável da comunidade em relação. Por meio de intervenção nesse ambiente com auxílio do WhatsApp, como pesquisa observadora e participante, estuda-se a potência mediadora dessa profissão, como espaço de livre aprendizagem a partir de interações protagonistas das crianças, se assim potencializada pelo entendimento e participação dos familiares e do transportador, percebendo-se, todos, como sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: infância; educomunicação; educação cidadã; transporte escolar; mediação

INTRODUÇÃO: ESPAÇO INVISÍVEL

Amplamente discutido, é reconhecido a importância de nos orientarmos pela sensibilidade humana (Gutiérrez, 1996, p.11-19 *apud* Machado, [200-?], p.9), considerando aspectos que traz Paulo Freire (2014, p.34), e reforçam as ideias de Francisco Gutiérrez, de que ninguém se educa sozinho e, sim, uns com os outros, e isso se dá de forma integral e constante, independe da idade, gênero e escolaridade, pois são guiados por uma característica humana: a busca; e que, aí sim, é dependente da sensibilidade que cada indivíduo tem para com a vida humana, sua, e do próximo, se

¹ Trabalho apresentado no GP04 Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP; Pesquisadora-colaboradora no Núcleo de Educação e Comunicação (NCE-USP); Co-fundadora do núcleo regional Litoral Paulista da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educomunicação (ABPEducom); Graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); e-mail: giuliabeatrice@usp.br

achando dentro de uma comunidade que busca e aprende em relação que, por sua vez, é dependente, portanto, da comunicação.

Esse conhecimento não é sempre considerado, e é por este motivo que iniciamos a trilha deste estudo por estas reflexões, pretendendo o entendimento crítico de nosso agir no mundo, considerando a existência de diversos ambientes -virtual e não virtual- para pensarmos criticamente. Para que se clarifique o contexto da sensibilidade humana, a presente pesquisa se produz em análise sobre o transporte escolar como mediador entre escola e família, potente de livre, primeira e última, interação do dia escolar, que contém elementos importantes das sensibilidades humanas em torno do desenvolvimento da criança e da relação que esse ambiente promove também junto aos adultos, mas que costuma ser um ambiente invisível. O transporte escolar aqui estudado faz parte do TEG (Transporte Escolar Gratuito), que é um contrato com o município para oferecer transporte gratuito a crianças da rede municipal de São Paulo.

São 18.117.158 crianças brasileiras³ que vivem a primeira infância (0-6 anos de idade); dentre muitos tipos de violência registrados (0 a 17 anos), são 28.098 casos só de maus-tratos⁴. Consideremos dentro desse contexto a infância como o período de maior potência de aprendizado, que é sustentação para a vida⁵. Essa idade possui um jeito próprio de explorar e se expressar, em uma carga enorme de aprendizados que, se permitido, em diálogo com o mundo, recria e obtém conhecimentos inúmeros, necessários para o seu desenvolvimento que é tão complexo, sensível e rápido. E para prover segurança para seu pleno desenvolvimento, parece fundamental que estejamos prontos para pensar criticamente a infância, como compreensão coletiva, como dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigência pela Lei nº 14.721, como o Artigo 4º, que preza o bem-estar, aos direitos ao coletivo a fim de propiciar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social das crianças e jovens (Brasil, 1990), pois a criança, quando vista como cidadã participante, compreendida nos seus

³ IBGE, Brasil. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Tabela 9514: População residente por idade divulgada em 2022 e atualizado em outubro de 2023. Censo Brasileiro de 2022. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/93473>. Acesso em: 01 dez. 2023.

⁴ FÓRUM Brasileiro De Segurança Pública; FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal. **Violência contra crianças e adolescentes (2019-2021)**. Sumário executivo. São Paulo. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

⁵ ALANA, Instituto; NCPI, Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância. **Primeira infância no sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes**. 2019. Disponível em: https://prioridadeabsoluta.org.br/wp-content/uploads/2019/06/primeira_infancia_no_sistema_de_garantia_de_direitos_de_criancas_adolescentes.pdf> Acesso em: 02 dez. 2023

diversos ambientes frequentados, através de sua rede de apoio com um olhar sensível e atento -que pode, portanto, ser o familiar, o professor, ou o condutor de transporte escolar-, tem maior possibilidade de ser sujeito de seu aprendizado, de representar e internalizar situações construtivas na infância, e tem maiores chances de se tornar um adulto saudável e capaz de transformar sua realidade, impactando, por consequência, a vida coletiva. Se é este, um assunto tão relevante à sociedade, é preciso buscar meios de entendimento e ação. É assunto que diz respeito à mudança cultural, pois cultura é constituída “de significados atribuídos às coisas” (Viana, 2021, p. 109) e isso leva tempo, envolve história, crenças e contextos diversos.

O transporte é lugar de encontro de diferentes grupos e idades, onde cada criança passa em torno de 1 hora, o que, para uma interação livre, é tempo suficiente para desenvolverem muitos aprendizados, considerando que “as crianças não esperam para fazer perguntas e formarem estratégias de pensamento, princípios ou sentimentos. A qualquer momento, em qualquer lugar, as crianças assumem um papel ativo” (Malaguzzi *apud* Edwards, Gandini, Forman, 2016, p.60).

As colocações acima nos indicam que não é necessário estar entre as paredes da escola para que o indivíduo viva, obrigatoriamente, algum tipo de relação com mundo; a questão é se o ser humano consegue perceber, em consciência, essa realidade nem sempre praticada. Há o oposto dessa integralidade na estrutura curricular do curso⁶ disponível (e obrigatório) para formação de condutores de transporte escolar, com foco em aspectos de segurança física da criança. É compreensível que não haja, por parte dos transportadores, uma postura consciente de seu papel na relação educacional, a exercício de “um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade” (Freire, 2020, p.45).

METODOLOGIA - EDUCOMUNICAÇÃO COMO UM CAMPO CIENTÍFICO

Para esse estudo, foi gestado um ambiente de diálogo e atenção à infância, o que Ismar Soares chamaria de ecossistema (edu)comunicativo, nomeação que traz o sentido humano que existe na comunicação de um ecossistema, que é contrária a comunicação excludente. Educomunicativo na intersecção do campo da Educação com o da

⁶ DETRAN. **Condutores de transporte escolar**. SD Trans. São Paulo. Disponível em: <https://www.sdtrans.com.br/transporte-escolar/#:~:text=Este%20curso%20tem%20por%20objetivo> . Acesso em: 20 nov. 2023.

Comunicação, que “decorre mais propriamente da luta social pelo direito à expressão comunicativa, no âmbito dos direitos humanos, anterior e causador do direito à educação” (Soares, 2009, p.27), em conjunto da hipótese de Eliany Machado, a Educomunicação vai além, por reconhecer “a afetividade, a necessidade do vínculo” (2006, p.250). Portanto, foi utilizado o conceito dessa área, dando vida a esse ecossistema, como sustentação nas ações tomadas para o estudo, que se deu como pesquisa de observação-participante; em observação para análise de um cenário protagonizado pelas crianças, livre para suas demandas espontâneas, assim como da interação entre suas famílias; participante, a fim de adentrar para perceber, e apartar quaisquer estranhezas por parte das crianças pela presença da pesquisadora no transporte escolar, além de valer-se dos ganhos existentes entre os laços para esse acolhimento, como já abordado por estudiosos como a professora Schmidt (2006, [s.n]) em que as diversas abordagens e aplicabilidades científicas clarificam necessários envolvimento considerando que as relações de confiança entre os sujeitos gera diálogo, colocando o pesquisador nesse lugar, assim como faz a Educomunicação. Existe também uma natureza real no presente estudo, sendo a transportadora uma pessoa da família da pesquisadora, em que, portanto, “a natureza destas complexas relações estiveram, e estão, no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológicas” (Schmidt, 2006, [s.n]). Dessa maneira, foram levadas em consideração as nuances subjetivas das relações existentes nessa mediação e as sensibilidades contidas no impacto do bem-estar das crianças, de acordo com o levantamento bibliográfico dos contextos aqui citados.

A pesquisa de campo se deu mensalmente (no dia da fantasia⁷), no 2º semestre de 2023; esse recorte foi escolhido por ser estímulo à interação em família, à apropriação dos pais quanto às atividades da escola, e à possibilidade de expressão livre e criativa da criança, fundamental nessa faixa etária. Loris Malaguzzi considera aqui, baseado nas “Cem Linguagens” da criança, as atividades com envolvimento estético na infância “uma forma de conhecimento -ou melhor, de construtividade- de si mesmo” (Malaguzzi *apud* Houyuelos, 2020, p.70). Considerando, portanto, que a fantasia não é só uma vestimenta, mas uma forma lúdica de expressão e tradução de vários aspectos da

⁷ O dia da fantasia é realizado nessa escola na última sexta-feira de cada mês, cada um com uma temática própria, comunicada aos familiares no início do semestre, para comemoração de todos os aniversários do mês, com intuito de ser um dia de estímulo para a ludicidade das crianças.

construção de conhecimento na infância, o estudo delimitou-se à observação e análise da mediação relacionada a essas datas, com as 50 crianças de um transporte escolar.

Considerando que a Educomunicação se faz necessária onde existe uma demanda social, o estudo parte da problemática identificada em experiências anteriores com os pais, da preocupação da motorista a respeito da participação dos familiares nas atividades escolares das crianças pertencentes ao seu transporte, mais perceptível no dia da fantasia, pela necessidade de participação dos pais na lembrança e organização da roupa junto à criança -tratamos aqui da Primeira Infância: crianças de 4 e 5 anos, estudantes de EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). O processo dessa experiência iniciou-se com a dor evidente de algumas crianças quando percebiam, durante o trajeto, que seus pais pareciam ter se esquecido da fantasia. Para tanto, o estudo teve seu início com a mudança de postura da condutora do transporte, que passou de um agir mecânico, para um agir produtor de sentido, conduzindo a mediação de forma educativa, facilitando trocas via WhatsApp, anterior e posterior a esse dia especial. Trocas em outros dias cotidianos foram facilitadas a partir disso, porém não foram analisadas neste estudo.

O aplicativo de mensagem WhatsApp foi escolhido considerando ser uma ferramenta que já se caracteriza de uso popular⁸, mas propondo-se lidar com ela de forma crítica, considerando que o “humanismo e tecnologia não se excluem” (Freire, 2014, p. 28) em que, ao aliar ferramenta tecnológica ao senso crítico, aparta as chances de uma utilização mecânica e alienadora. Por questões práticas, eram dois grupos no WhatsApp, separando a turma da manhã e a turma da tarde e, ao longo de 04 meses, a condutora mediava as mensagens que podia passar de um grupo a outro, garantindo incentivo e lembrança.

ANÁLISES E RESULTADOS

Um dos pontos observados nas famílias, comum à sociedade, foi a forma quantificada e consumista de pensar. As trocas, possibilitadas por este estudo, entre os pais fizeram surgir ideias simples e de baixo custo, que davam abertura para potencializar a criatividade e a qualidade dessa relação e, portanto, possibilitar a participação de suas crianças na atividade, sem o custo alto de se comprar uma fantasia

⁸ CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**. Indicador domicílios que possuem equipamentos TIC. Unidade de análise: domicílios 2015 e 2023. Disponível em: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios. Acesso em: 20 nov. 2023.

mensalmente. A importância dessa criatividade aparece também na primeira verbalização das crianças ao entrarem no transporte escolar no dia da fantasia que, em sua maioria, contavam, animadas, sobre quem havia feito a roupa com elas. Esboçaram animação também quando tinha algum amigo com o mesmo personagem que o seu. Nenhuma das crianças -25 em cada turno- esboçou qualquer reação de competição ou ofensa, nem em caso de personagem igual, nem diferente. Por isso, pode-se constatar que, ao esquecer ou não se importar com o dia da fantasia, os pais produzem um impacto negativo em seu filho, impossibilitando importantes interações.

A cada mês, a proposta de interação com e entre os familiares via WhatsApp se reforçava. Esse meio também foi usado para dar visibilidade (através de foto e vídeo) ao comportamento das crianças diante da fantasia e suas interações, que foram inúmeras. Junto dos registros, a condutora escrevia sua observação própria, trazendo alguma informação educativa junto disso, propiciando a continuidade de entendimento da importância desse momento na infância, com a intenção de informar, assim como Malaguzzi com suas documentações pretendia visibilidade para “o nosso modo de ser com as crianças” (Malaguzzi *apud* Edwards, Gandini, Forman, 2016, p.66).

Foi possível visualizar muitos aprendizados acontecendo no tempo do transporte por meio do estímulo da fantasia, o que reforça estudos sociais de Loris Malaguzzi, Vygotsky, Dewey e Piaget a respeito da seriedade da infância, das formas poéticas e diversas de representação que constituem em conjunto e em relação com o ambiente, na tentativa em compreender o mundo na sua própria forma.

O ambiente do transporte tornou-se ainda mais afetivo e aberto por conta da relação com os saberes que a transportadora, como mediadora, também estava adquirindo. Pode-se constatar, por meio do ambiente digital e pela maior participação das famílias, um entendimento mais amplo. Esse aprendizado foi analisado entre as suas nuances subjetivas, onde um vasto engajamento foi observado, com trocas significativas, como na mensagem da Daiana, mãe de uma das crianças, via WhstaApp, no dia 30 de setembro de 2023, durante o processo desse estudo: “isso faz a grande diferença na vida deles, são memórias afetivas que levamos para o resto da vida”, que demonstra mais domínio sobre a infância durante o processo.

Ficou bastante nítido, nesse recorte, por meio de transcrições das reações e diálogos das crianças, que esse ambiente pode tornar-se bastante afetivo como um

primeiro encontro antes de chegar na escola. É nesse trajeto que acontecem as primeiras reações sobre as fantasias. Percebeu-se que essas interações brincantes possibilitavam noções de pertencimento social, preservação da cultura, e desenvolvimento de conteúdos pedagógicos, como exemplo, noções espaciais e associações matemáticas, realizadas a partir das conversas a respeito das fantasias entre as próprias crianças, sem intervenção. Houve também a percepção de como a criança nessa faixa etária busca uma relação do real com imaginário em tentativas de compreensão do mundo que vive, em assuntos complexos, como um experienciado, de “morte e vida”. Essa interação lúdica mostrou uma potente tentativa da infância em entender eventos da vida, raciocinando de forma livre e criativa as necessidades que se prostram diante de suas próprias interações.

Constatou-se o ser humano como um ser social, com necessidade de se sentir pertencente, sendo o transporte escolar um ambiente mediador importante. No contexto da criança, percebe-se a dependência à seus pais para a participação em vivências como essa, ou seja, ligada a um coletivo que entenda suas necessidades para proporcionar ambientes de livre aprendizagem. É constatado a importância de cuidado comunitário ao bem-estar da infância que, ainda que potente para fazer suas relações de forma livre, é dependente de uma comunidade para que isso seja compreendido e possibilitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é um convite a pensar a criança como múltipla e, principalmente, como a chave que leva os indivíduos a resgatarem seu olhar coletivo. Decorrente desse resgate pode vir a abertura à sensibilidade da qual citada no contexto desse estudo, junto de consciência crítica das realidades a serem transformadas e o entendimento sobre as profissões, que antes, conduzidas pela mecanização, devem transformar-se em caminhos de mediações, como cidadãos produtores de sentido na e para humanidade, atores de seus trabalhos.

Ao considerar apenas a integridade física das crianças transportadas, não é possível dar morada a uma relação de cuidado e responsabilidade com a infância. Esta relação comprova-se como possibilidade por meio da mediação escola-família, no transporte escolar, como uma relação necessária ao desenvolvimento da criança, como foi observado, caracterizando-se, este, um compromisso com o próprio *ser* humano, seja

pesquisador acadêmico ou não, é pesquisador da vida, pois “o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade” (Freire, 2014, p.22).

REFERÊNCIAS

- ALANA, Instituto; NCPI, Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância. **Primeira infância no sistema de garantia de direitos de crianças e adolescentes**. 2019. Disponível em:
<https://prioridadeabsoluta.org.br/wp-content/uploads/2019/06/primeira_infancia_no_sistema_de_garantia_de_direitos_de_crianças_adolescentes.pdf> Acesso em: 02 dez. 2023.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (vide Lei nº 14.721, de 2023). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União. Brasília, DF. 1990. Disponível em
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm . Acesso em: 02 dez. 2023.
- CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil**. Indicador domicílios que possuem equipamentos TIC. Unidade de análise: domicílios 2015 e 2023. Disponível em:
https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Domic%C3%ADlios . Acesso em: 20 nov. 2023.
- DETRAN. **Condutores de transporte escolar**. SD Trans. São Paulo. Disponível em:
<https://www.sdtrans.com.br/transporte-escolar/#:~:text=Este%20curso%20tem%20por%20objetivo> . Acesso em: 20 nov. 2023.
- EDWARDS, C.; GANDINI L.; FORMAN G. **As cem linguagens da criança: A Experiência de Reggio Emilia em Transformação**. Trad. Marcelo Almeida. v. 2. ed. 3 Porto Alegre: Penso, 2016.
- FÓRUM Brasileiro De Segurança Pública; FUNDAÇÃO José Luiz Egydio Setúbal. **Violência contra crianças e adolescentes (2019-2021)**. Sumário executivo. São Paulo. 2021. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Trad. Lilian L. Martin. ed. 36. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Trad. Rosiska D. de Oliveira. ed. 22. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HOYUELOS, A. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Trad. Bruna Villar. ed 1. São Paulo: Phorte, 2020.
- IBGE, Brasil. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Tabela 9514: População residente por idade divulgada em 2022 e atualizado em outubro de 2023.

Censo Brasileiro de 2022. 2023. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10091/93473> . Acesso em: 01 dez. 2023.

MACHADO, E. S. **A Educomunicação como produção de sentido.** Disponível em:
<https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/88.pdf> . [200-?]. Acesso em: 15 out. 2023.

MACHADO, E. S. **Educomunicação e experiência estética.** Mídias comunitárias, juventude e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica: Associação Imagem Comunitária, 2006. p. 237-253. 2006.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas.** Fascículo de tese (Livre docência em ensaios indisciplinados: aconselhamento psicológico e pesquisa participante). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 17, p. 11–41. 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/gCsZ9jM78SQ43SB6twJvytt/?lang=pt#> . Acesso em: 15 out. 2023.

SOARES, I. de O. **Teorias da Comunicação e filosofias da Educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação.** Reflexões a partir de uma demanda concreta: a reforma do Ensino Médio, no Brasil. 2009.

VIANA, C. E. Educomunicação como Eixo da Política Pública do Estado de São Paulo no Âmbito da Educação em Direitos Humanos. **Trajetórias da Educomunicação nas Políticas Públicas e a Formação de seus Profissionais.** Artigo para o II Congresso Internacional de Comunicação e Educação e VII Encontro Brasileiro de Educomunicação. p. 108-129. 2018. Disponível em:
<https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/view/30/22/937-1> . Acesso em: 04 out. 2023.